



Lenin: retrato de um sistema

Roque Spencer Maciel de Barros

3716-1 P 24

livro do soviétólogo americano Richard Pipes, *The Unknown Lenin — From the Secret to the Open* (*O Lenin Desconhecido do Arquivo Secreto*), por ser interessante e ilustrativo seja, como de fato o é, pela documentação original apreendida, de que Luiz Carlos Prates nos dá conta, em substancial artigo publicado por *Estado de S. Paulo* no início dos meses de dezembro (1/12), não responde bem ao seu título: verdade, qualquer estudioso da Revolução que levou à criação da URSS e da vida que aí levava durante os poucos anos em que Lenin esteve à frente do governo não se encontra com nenhum desconhecimento, mas com um mais do que conhecido Lenin, apenas, agostado com documentos autênticos e sacramentados, por assim dizer, algo sabido e consabido. Os anti-stalinistas, em especial os trotskistas fiéis à Revolução de 17, procuraram opor as figuras de Lenin e Stalin: enquanto o primeiro seria um revolucionário fiel aos ideais marxistas, naturalmente adaptados à situação especial da Rússia, pela qual, aliás, Marx nutria profunda antipatia e com a qual não contava para o seu sonho revolucionário, Stalin teria desencaminhado completamente o movimento, praticando toda sorte de crueldades, entre elas a de liquidar a velha guarda do partido, especialmente por meio dos famosos processos de Moscou que se seguiram ao assassinio de Kirov, certamente tramado pelo próprio ditador georgiano e

fazendo das prisões, da qual a Lubianka era o símbolo, dos campos de concentração, do anti-semitismo, da polícia secreta, a famosa Tcheka, que foi mudando de nome, mas nunca de essência, o seu instrumento de poder, que o manteve intocado na cúpula do governo soviético, como ditador incontestado.

Na verdade, Stalin não fez mais do que aperfeiçoar os processos criados por Lenin, tanto com o seu apoio quanto com o de Trotski — o carneiro do Kronstadt —, e isso já era sabido há muito tempo.

NA VERDADE, STALIN NÃO
FEZ MAIS DO QUE
APERFEIÇOAR OS PROCESSOS
CRIADOS POR LENIN

Dessa forma, os documentos que agora se publicam no livro, sem dúvida precioso, de Richard Pipes, vêm apenas confirmar algo sabido e não revelar a face de um Lenin desconhecido. Esse Lenin, sem dúvida, é muito diferente, por exemplo, do apresentado na célebre biografia de Louis Fischer, como Stalin é também bem diferente, já não dizemos do amontoado de mentiras de um Henri Barbusse, mas da biografia de um autor competente como Isaac Deutscher, aparecendo, realmente, de corpo inteiro na obra insubstituível de Boris Souvarine. Quem se deu ao trabalho de ler o texto

anteriormente publicado por Boris Nicolaiév, *O Velho Bolchevista*, ou, por exemplo, o volume escrito por este e David Dallin, sobre *O Trabalho Forçado na União Soviética* (aliás, traduzido e editado no Brasil em 1948), sabe perfeitamente que os campos foram uma invenção de Lenin, que Djzerzinski, o chefe da polícia secreta, agia a mando de Lenin e por aí afora. Um soviétólogo da categoria de Alain Besançon, aliás um crítico da visão de algum modo "estreita" de Pipes, já vinha, muito antes do desmorona-

gene Zamiátin, o *Nós*, escrito sob o império de Lenin, em 1920/1921 — que certamente serviu de inspiração e ponto de partida tanto para o *Brave New World*, de Huxley (1930), quanto para o 1984, de Orwell (1948) que já penetrara fundo, não apenas nas crueldades e desumanidades do sistema, mas na sua essência, no seu propósito deliberado de criar o "homem novo", com que sonhara Tchernchevski, destruindo a personalidade individual e a consciência: "A consciência individual é apenas uma doença — diz-se no texto, e a figura do "Benfeitor", símbolo da totalidade encarnada e da despersonalização de todos, é, indiscutivelmente, Lenin: "Diante de mim estava sentado um homem calvo, socraticamente calvo, com gotas minúsculas de suor na testa", isto é, estava Lenin, o "Benfeitor", como a descrição claramente o revela. Zamiátin não ficou na superfície dos pretendidos "desvios", como o Máximo Gorki dos *Pensamentos Intempestivos*: foi ao fundo do sistema em que figuras como as de Lenin, Stalin, Trotski ou Breznev no fundo se irmanam e se confundem. E, percebendo isso, percebeu muito mais do que quaisquer documentos que se publiquem.

Obs.: O *Nós* foi publicado no Brasil, tradução da Editora Anima, em 1983, e pouco se falou a respeito dele.

Roque Spencer Maciel de Barros
é autor de "O Fenômeno
Totalitário"